



Patricia da Graça Rocha Franzoni



Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

patriciafranzoni@furg.br

Marli Teresinha Quartieri



Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES)

mtquartieri@univates.br

ESCOLA DOS SONHOS: PERCEPÇÕES DOS ALUNOS DO 9º ANO DA REDE PÚBLICA E PRIVADA A PARTIR DA ESTRATÉGIA *WORLD CAFÉ*

RESUMO

Este artigo propõe-se a investigar a percepção que os alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública e de uma privada de um município do Rio Grande do Sul têm sobre a Escola ideal, a partir da estratégia de ensino *World Café*. A estratégia foi desenvolvida para as duas turmas do 9º ano em conjunto no mesmo dia, horário e local. Percebeu-se que os alunos assumiram um papel mais ativo, foram estimulados e motivados a pensarem sobre a Escola, sobre os seus descontentamentos e a Escola ideal. Pode-se inferir que a atividade realizada foi produtiva, os alunos valorizaram o trabalho em grupo, compartilharam seus pensamentos e se sentiram corresponsáveis pelo debate proporcionado pelas duas redes de ensino.

Palavras-chave: Escola. Contemporaneidade. *World Café*.

DREAM SCHOOL: 9TH YEAR PUBLIC AND PRIVATE STUDENTS' PERCEPTIONS THROUGH THE WORLD CAFÉ STRATEGY

ABSTRACT

This article aims to investigate the perception that 9th grade students of elementary school of a public and a private school in a city in Rio Grande do Sul have about the ideal School, through the teaching strategy *World Café*. The strategy has been developed for two 9th grade classes together on the same day, same time and local. It has been realized that the students assumed a more active role, were stimulated and motivated to think about the School, their disappointments and the ideal School. It can be inferred that the activity performed was productive, students valued group work, shared their thoughts and felt co-responsible for the debate provided by both schools.

Keywords: School. Contemporaneity. *World Café*.

Submetido em: 17/09/2018

Aceito em: 27/06/2019

Publicado em: 23/12/2019



<http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2019v11n25p22-35>



I INTRODUÇÃO

Segundo Schwertner e Conrad (2016) diversas escolas públicas vêm sendo ocupadas por alunos que estão buscando espaços de escuta dentro e fora da escola. O propósito tem sido na produção de sentidos deste espaço institucional na vida dos alunos. Para Pereira; Lopes (2016, p. 201):

[...] a educação anda e sempre andou atrelada às transformações sociais, culturais, históricas, econômicas e políticas do país, ou seja, entender o sentido que a escola ocupa na vida dos jovens significa entender que eles estão dentro de uma instituição, inclusos e pertencentes a uma sociedade, que está inserida em um sistema com uma estrutura social estabelecida por interconexões e interferências, o qual influencia os processos educacionais desses jovens e os sentidos e significados atribuídos à escola por eles.

Dessa forma, conforme destacam Pereira e Lopes (2016) é preciso escutar e valorizar o que pensam os alunos sobre a escola. De acordo com Masschlein e Simons (2014) atualmente, as escolas e os ideais perderam muito do seu significado; a transferência de conhecimento e a educação centrada no professor estão ultrapassadas. Segundo Dubet (1997, p. 6), “muitos alunos são extremamente infelizes nas escolas, sentem-se humilhados, magoados, à situação escolar não tem nenhum sentido”. Pelo fato de o ensino, na maioria das vezes, não ser atrativo e inovador, o aluno recebe a informação do professor, pouco interage e participa das discussões. Por causa disso, as escolas modernas estão sendo convertidas em ambientes de aprendizagem centradas no aluno.

Conforme afirma Chervel (1990, p. 188): “o papel da escola não se limita ao exercício das disciplinas escolares. A educação dada e recebida nos estabelecimentos escolares é, à imagem das finalidades correspondentes, um conjunto complexo que não se reduz aos ensinamentos explícitos e programados”.

Assim sendo, a escola precisa proporcionar momentos de discussão com os alunos além do que está no currículo ou que foi programado. Os alunos querem ser ouvidos sobre assuntos relacionados ao conteúdo, como também da sua vida pessoal e escolar, das relações do conhecimento adquirido com situações práticas do seu cotidiano, expor suas ideias, manifestar as suas vontades e anseios o que vem ao encontro do pensamento de Pereira e Lopes (2016).

Este artigo¹ propõe-se a investigar as percepções que os alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública e de uma privada de um município do Rio Grande do Sul têm sobre a Escola ideal, a partir da estratégia de ensino *World Café* (MACHADO e PASSOS, 2017). Cabe destacar, que a estratégia foi desenvolvida para as duas turmas do 9º ano em conjunto, no mesmo dia, horário e local. A pesquisa

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

foi realizada em uma universidade do Rio Grande do Sul, com 16 alunos da rede pública e 15 alunos da rede particular de ensino.

Além dessa introdução, o segundo tópico trata do referencial teórico. A pesquisa apresenta como aporte teórico algumas ideias de autores como Ulhôa (2008), Freiberger; Berbel (2010), Masetto (2003), Masschlein; Simons (2014), Santos (2007), Gil (2012), Pereira e Lopes (2016), Schwertner e Conrad (2016), entre outros. Posteriormente, no terceiro tópico é apresentada a estratégia de ensino *World Café*. O quarto tópico trata da análise dos dados decorrentes dos instrumentos de coleta, que foram: depoimentos dos alunos, filmagens e diário de bordo das pesquisadoras. Por fim, na quinta seção socializa-se a conclusão do estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O mundo atual, com rápidas e frequentes mudanças, tem exigido dos indivíduos novas habilidades e atitudes diferentes das necessárias em épocas anteriores (ULHÔA *et al.*, 2008). Estamos diante de um contexto nunca visto na humanidade, no qual a quantidade de dados disponíveis e notícias, segundo Freiberger e Berbel (2010), no que se pode chamar de era tecnológica, está ao alcance dos sujeitos, em uma velocidade muito rápida, na qual as informações são vinculadas no instante dos fatos, através de meios de comunicação cada vez mais avançados. Em função dessa evolução, constantemente é exigida das pessoas a capacidade de atenderem às necessidades do momento atual, com autonomia e posicionamento não exigido há algumas décadas.

Desse modo, a busca por mudanças nas práticas pedagógicas, métodos de ensino e instrumentos de avaliação tornou-se um dever por parte dos professores para atender aos desafios contemporâneos da era tecnológica, tendo em vista que as aulas de hoje estão expostas a interferências do mundo externo. De acordo com Ulhôa *et al.* (2008, p. 2), “o cidadão deste século não pode ter o mesmo perfil de habilidades do século passado. Não se pode mais ignorar o que se passa no mundo; é necessário inserir-se de maneira adequada no meio social”.

A revolução tecnológica e a globalização determinaram uma inversão no fluxo do conhecimento. Se antigamente o sentido era da escola para a comunidade, atualmente é o mundo exterior que invade a escola com suas demandas. Nesse sentido, Freiberger e Berbel (2010) citam que é papel da escola desenvolver em seus alunos competências e habilidades para uma sociedade cada vez mais complexa.

No entanto, o ensino no Brasil ainda enfrenta problemas com relação ao baixo interesse dos alunos em aprender. Na maioria das escolas, o professor ministra aulas no quadro negro. Isso é visto pelos alunos como transmissor da informação, desestimulando a criatividade e o envolvimento dos alunos, que acabam memorizando conceitos somente para serem aprovados na disciplina. Para a maior parte dos alunos,

segundo Chassot (2000), o conhecimento adquirido em sala de aula está totalmente alheio as suas experiências cotidianas; não existe uma conexão entre o que se aprende na escola e o mundo ao seu redor.

De acordo com Becker (1993), o professor fala, o aluno escuta; o professor dita, o aluno copia; o professor decide o que fazer, o aluno faz; o professor ensina e o aluno “aprende”. O professor acredita que o conhecimento pode ser transmitido, dessa forma, para o aluno.

Afinal qual é o objetivo de ensinar? O que o aluno deve aprender? Como deve aprender? Será que o conhecimento transmitido é realmente aprendido? Muitos alunos estudam diversas disciplinas sem perceber as diferentes relações existentes entre elas e as aplicações práticas em sua vida. Então para que aprender?

Nóvoa (2009) ressalta que a educação está passando por um período de incertezas, em que sentimos a necessidade de mudança, mas nem sempre conseguimos definir a direção a ser tomada. Existe um exagero de discursos redundantes e repetitivos com pobreza de práticas. Assim, a busca por mudanças tornou-se um desafio, tendo em vista que, segundo Santos (2007, p. 484): “o ensino tem-se limitado a um processo de memorização de vocábulos, sistemas classificatórios e fórmulas em que os estudantes não são capazes de extrair o significado de sua linguagem”.

Araújo e Luzio (2005) destacam que há alguns anos predominavam teorias que consideravam a escola como um espaço de reprodução ideológica do *status quo*, porém, a educação não é um mero mecanismo de reprodução. Se a educação for capaz de ensinar a ler de forma competente e a usar a linguagem matemática para resolver os problemas do cotidiano estará contribuindo para a melhoria das condições de vida da população e, portanto, para o desenvolvimento econômico do país.

Dessa forma, as crescentes transformações sociais impõem às instituições escolares um repensar dos processos de ensino e de aprendizagem visando à formação de um cidadão com um novo perfil, onde habilidades como proatividade, cooperação, criticidade, dentre outras, se sobressaem em detrimento da simples memorização e repetição. Isso nos faz inferir que essa atual configuração tem como prioridade o desenvolvimento do pensamento do aluno como uma dimensão fundamental da cognição. O meio da atividade escolar, de acordo com Gil (2012) não seria o professor e a matéria, mas o aluno ativo e investigador. Ao professor caberia incentivar, orientar e organizar as situações de aprendizagem.

Portanto, a escola contemporânea não pode mais ser vista como transmissora de conteúdos. Segundo Ulhôa *et al.* (2008) a escola deve formar alunos capazes de pensar, refletir e propor soluções diante de questões atuais. Ainda de acordo com o autor, o trabalho em grupo com cooperação deve ser o foco dos educadores modernos, favorecendo a formação de indivíduos críticos e participativos diante das novas demandas exigidas.

Contudo, Schwertner e Conrad (2016) destacam que os alunos questionam o tempo longo que passam dentro da escola e assinalam que muitas vezes não se sentem bem nesse espaço. Eles não dizem que não querem ir para escola ou que não atribuem valor a sua existência; pelo contrário, eles afirmam que a escola deve ser um lugar em que se sintam bem, onde suas ideias e pensamentos sejam respeitados por todos.

Consequentemente, de acordo com Masetto (2003) os professores têm sido cada vez mais obrigados a repensar suas práticas pedagógicas e atuarem como mediadores, promovendo debates, proporcionando momentos de discussão e reflexão em sala de aula, valorizando as ideias e experiências dos alunos, a partir de várias metodologias de ensino, tornando dessa forma as aulas mais atrativas. Sendo assim, diz Masetto (2003, p. 93): “o diálogo aproxima os grupos e a turma, oferecendo ao professor a oportunidade de conhecer o que os alunos pensam a respeito do assunto”. Nesse contexto, foi escolhida a estratégia de ensino *World Café*, com o objetivo de investigar a percepção dos alunos do 9º ano do ensino fundamental sobre a Escola ideal.

3 ESTRATÉGIA *WORLD CAFÉ*

Para Freire (1980) e Masetto (2003), o professor deve desenvolver uma postura dialógica em suas aulas, promovendo debates em que o aluno possa tomar parte com suas próprias ideias. Gil (2012) ressalta que cabe ao professor colocar o aluno em situações em que se mobilizem com as atividades, possibilitando a manifestação de suas atividades verbais, escritas e plásticas.

O *World Café* possibilita maior interação e envolvimento da turma, desenvolvendo nos alunos a criatividade e o espírito colaborativo. O diferencial dessa estratégia é a movimentação que acontece nos pequenos grupos tornando possível, segundo Brown e Isaacs (2008) o compartilhamento do conhecimento, a aprendizagem colaborativa e o desenvolvimento da inteligência coletiva. Conforme Brown e Isaacs (2008) *apud* Machado e Passos (2017, p. 836),

[...] o *World Café* é uma técnica que vem sendo utilizada em vários países com o objetivo de potencializar diálogos e viabilizar a construção coletiva de proposições em torno de temas relevantes nos diversos campos de conhecimento. Visa ao estabelecimento de um espaço dialógico que, por meio de perguntas, estimula a participação das pessoas na emissão de opiniões e construção coletiva de entendimento sobre um objeto que é apresentado como cerne para a discussão.

Portanto, cada grupo ficará em uma mesa para discutir o tema escolhido. Após completar o tempo estipulado para o diálogo inicial, acontece o primeiro movimento entre os grupos. Geralmente, acontecem três rodadas nas quais os participantes de cada grupo, exceto o relator, atuam como viajantes, levando ideias, contribuições para outras mesas em um curto espaço de tempo. É escolhido um anfitrião/relator que tem a função de registrar a discussão realizada no seu grupo e dos demais participantes que passarem

pela sua mesa durante as rodadas. Cabe ao anfitrião, também, se manter na mesa até o final da atividade, para depois socializar para o grande grupo a discussão realizada sobre o tema/problema. Segundo Machado et. al. (2017, p. 836):

[...] um dos diferenciais do *World Café* consiste em garantir a agilidade e fluidez entre os grupos, de modo a permitir que os participantes transitem por diversos arranjos grupais e não permaneçam com as mesmas pessoas até o final da atividade. O que é mais relevante é que haja a circulação das ideias por parte de quem segue para os demais grupos (nos diferentes temas) e a preservação do que já fora discutido para que seja utilizado como insumo entre os demais que aterrissam naquele determinado ponto a ser discutido.

Segundo Brown & Isaacs (2008), o cerne do trabalho com o *World Café* está na participação ativa dos membros dos grupos e tem como consequência a construção de uma inteligência coletiva a respeito do tema elencado para o debate. De acordo com os autores, ao longo da sua realização, estimular a fala e a exposição das ideias e dos contrapontos entre os participantes é uma tarefa importante que merecerá a atenção para quem está conduzindo o processo. Sendo assim, é importante que o responsável/professor atue como mediador/incentivador.

Cabe destacar, também, que podem acontecer diversas rodadas nas quais os participantes escutem, reflitam, contribuam e saboreiem um belo café com outras bebidas, doces e salgados. Na última rodada de diálogo, os participantes retornam a sua mesa/grupo inicial para aprofundar o seu conhecimento diante dos movimentos realizados e contribuições dos colegas apontadas pelo anfitrião. Existem casos em que é permitido, no final, que o anfitrião se movimente, cabendo ao grupo escolher um novo relator.

Por fim, terminadas todas as rodadas, o anfitrião/relator socializa com os membros do seu grupo as contribuições registradas dos demais participantes. Posteriormente, o anfitrião apresenta para a turma (grande grupo) a produção final podendo, ainda, ter a contribuição dos demais componentes da turma, caso alguma situação não tenha sido discutida. O professor/responsável media a discussão e ao final, caso haja necessidade, complementa as ideias apresentadas.

4 ANÁLISE E RESULTADOS

Neste trabalho foi escolhida a estratégia de ensino *World Café* com o intuito de investigar as percepções que os alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública e de uma privada de um município do Rio Grande do Sul têm sobre a Escola ideal. A pesquisa foi realizada em uma universidade do Rio Grande do Sul, com 16 alunos da rede pública e 15 alunos da rede particular de ensino no ano de 2018. Primeiramente, será apresentada a metodologia do trabalho para, na sequência, analisar os dados.

4.1 Metodologia

Antes de iniciar a atividade, os alunos tiveram que escolher e estourar um balão de aniversário da cor de sua preferência para saber o presente (doce) que teriam recebido e formar um grupo com colegas que tivessem sido presenteados com o mesmo doce. Inicialmente, os alunos da rede pública foram separados em três grupos, formando dois grupos com cinco alunos e um grupo com seis alunos. Após, os alunos da rede particular de ensino foram separados em três grupos com cinco integrantes cada. Foram formados, então seis grupos para desenvolver essa atividade.

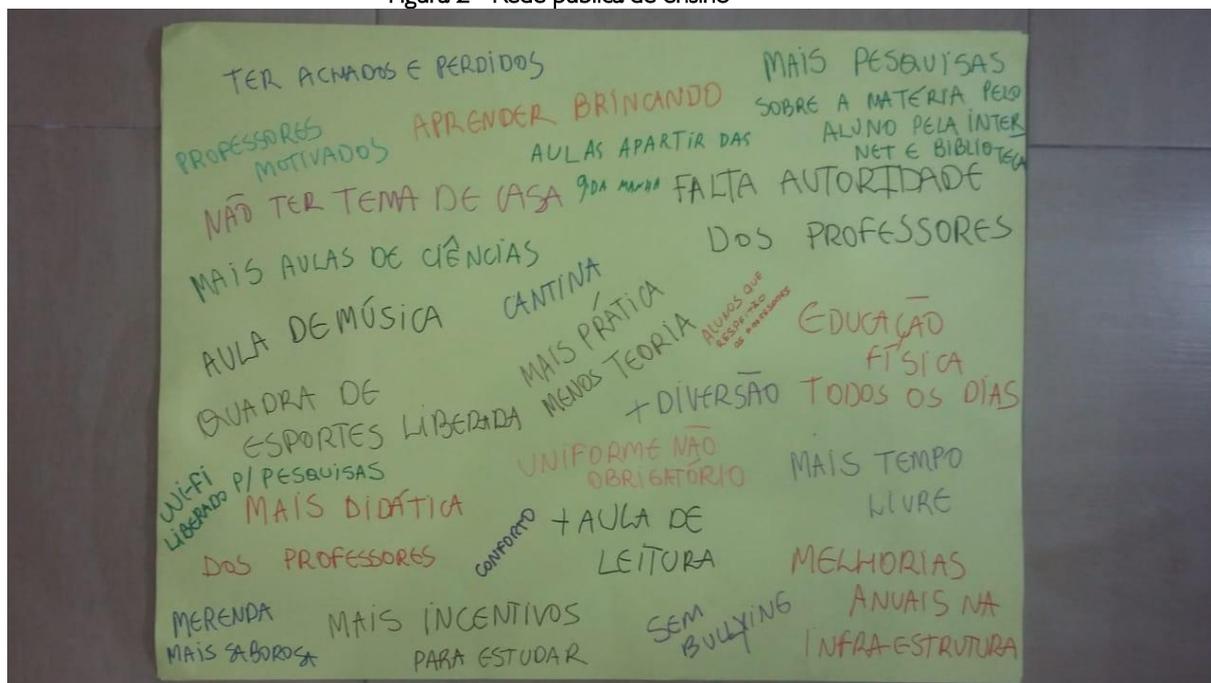
Cada grupo recebeu cartolinas coloridas, lápis, caneta, canetinhas e lápis de cor para o desenvolvimento das atividades. Nesse momento, os alunos foram orientados oralmente a responder a seguinte pergunta: Como seria a Escola ideal, a Escola dos sonhos? Em um intervalo de meia hora, os alunos registraram nas cartolinas de maneira sintetizada qual seria o ideal de Escola.

Na sequência, foram realizadas sete rodadas de dez minutos cada uma, tendo em vista que foram formados seis grupos. Essa quantidade de rodadas também pode ser adaptada pelo professor/pesquisador dependendo da quantidade de grupos. Os alunos, primeiramente, trocaram de grupo de acordo com a sua rede de ensino, movimentando-se em sentido horário, com o intuito de contribuírem com a produção dos demais. Após as três rodadas, os alunos visitaram as três mesas pertencentes à outra rede de ensino para fazerem as suas contribuições, retornando, na última rodada, a seu grupo inicial. Salienta-se que um componente de cada grupo denominado anfitrião/relator permaneceu no seu grupo até o final da estratégia, com a função de relatar aos colegas que estivessem “chegando” o que foi discutido até aquele momento.

Terminadas as rodadas, cada anfitrião/relator socializou com o seu grupo as contribuições realizadas pelos demais colegas nas cartolinas. Posteriormente, os seis anfitriões se reuniram, escolheram uma cartolina da rede pública e outra da rede privada que estavam mais completas e com poucas repetições de ideias. Em seguida, apresentaram para a turma, em duas cartolinas, a produção final da rede de ensino pública e privada (Figuras 1 e 2). As pesquisadoras desse estudo mediaram a discussão e, ao final, complementaram as ideias apresentadas. Cabe ressaltar que as outras quatro cartolinas foram expostas, também, em *flip chat* para visualização do grande grupo e durante toda a atividade, os alunos podiam se dirigir à mesa de alimentação para buscar bebida, doce e/ou salgado de sua preferência.

Ademais, além da sistematização das percepções com relação à Escola ideal nas cartolinas, foram coletados relatos dos alunos durante a atividade.

Figura 2 - Rede pública de ensino



Fonte: Elaborado pelos alunos (9º ano – Ensino Fundamental).

Os alunos, no geral, conforme Figuras 1 e 2, sentem a necessidade de utilizar mais os laboratórios de ciências e informática para fazerem pesquisas e experiências, ligando a teoria ao conteúdo que é visto em sala de aula com a prática e aplicação no cotidiano.

A Escola, também, poderia liberar o uso da *internet* para pesquisas em sala de aula; os alunos gostariam de fazer pesquisas no celular ou computador enquanto o professor ensina a matéria. Como diz Masetto (2003, p. 138),

[...] a *internet* se apresenta como um recurso dinâmico, atraente, atualizadíssimo, com possibilidade de acesso a um número ilimitado de informações e de entrar em contato com todas as grandes bibliotecas do mundo, com os mais diversos centros de pesquisa, com os próprios pesquisadores e especialistas nacionais e internacionais, com os periódicos mais importantes das diversas áreas de conhecimento.

Freiberger e Berbel (2010) complementam que a pesquisa favorece o desenvolvimento cognitivo e intelectual do aluno, tornando-o mais independente em um processo de construção do conhecimento que deve ser permanente, não se desenvolvendo de modo isolado, e sim no contexto das relações. Ulhôa *et al.* (2008) destaca que os alunos devem ser orientados a assumir uma postura mais participativa em sala de aula, refletir, serem críticos, para também saber agir no mundo fora da escola.

Portanto, reconfigurar o formato como se desenvolvem as aulas é um desafio dos professores dos diferentes níveis do ensino, visto que no novo contexto social não tem mais espaço para que o professor assuma o papel de detentor do conhecimento e passe horas discursando enquanto o aluno permanece mero receptor. No entanto, ressalta-se a importância do planejamento do professor para implementação de novas estratégias em sala de aula, pois desta forma poderá melhor conduzir as discussões e gerenciar

com segurança possíveis conflitos oriundos delas. Alberti et al. (2014), afirmam que o planejamento deve contemplar a intenção, organização e sistematização, priorizando espaços para que os alunos se expressem socialmente e dialoguem com o grupo, socializando ideias e administrando os conflitos naturais às atividades em grupo.

Nesse sentido, conforme relatos dos alunos durante a discussão com o grande grupo, eles gostariam de expor o que pensam e complementar com o que presenciam no cotidiano ou nas leituras e pesquisas realizadas sobre o assunto, pois conforme Schwertner e Conrad (2016, p. 43), “os alunos afirmam o quanto, muitas vezes, a escola pode proporcionar outras vivências, novas formas de olhar e compreender e que, outras vezes, pode aprisionar o pensamento, exigindo que os alunos pensem apenas de uma forma”. Por essa razão, é dever da escola proporcionar momentos de reflexão e discussão em sala de aula e nos ambientes internos escolares e, também, em outros espaços não formais.

Os alunos da rede particular de ensino sentem a necessidade de ter aulas nesses espaços, fora da escola, como por exemplo: em museus, bibliotecas públicas, universidades, praças, parques e empresas de acordo com os relatos, no momento da socialização da atividade. Para Dubet (1997, p. 8): “é preciso dar um quadro a esta vida adolescente, é preciso que os alunos façam outras coisas que não sejam assistir às aulas no colégio [...]”. Contudo, segundo os alunos da rede particular, durante a discussão no final da atividade com o grande grupo, em nenhum momento nesses nove anos de ensino fundamental, a escola proporcionou uma aula em contato com a natureza ou em outros espaços além dos muros da escola.

Os alunos da rede pública de ensino disseram, no final da atividade, que os professores estão sempre proporcionando aulas em espaços não formais. Em função da falta de infra-estrutura na escola, várias atividades são realizadas fora dela, em outros ginásios, bibliotecas públicas, praças, parques, praia, etc.

Outro ponto que ambas as escolas destacaram e discutiram no grande grupo é a questão da falta de respeito com o próximo, do *bullying*, do preconceito, do racismo. De acordo com Tadêus e Cunha (2009, p. 147) “o respeito mútuo expressa-se de várias formas, uma delas é o dever do respeito pela diferença e a exigência de ser respeitado na sua singularidade”.

Nesse sentido, é fundamental que as pessoas sejam educadas e recebam uma formação ética que as faça ter respeito e consideração por todos os seus semelhantes. Os alunos gostariam que a escola fosse um espaço de aprendizado, de diversão e de paz em que todos se entendessem e não entrassem em discussões e brigas desnecessárias.

Os alunos, no geral, gostariam que a escola proporcionasse mais momentos de diversão, jogos, aprender brincando, como escreveram na cartolina: assim, com mais tempo de recreio e intervalo entre as disciplinas para levantarem da cadeira, irem ao banheiro, tomarem uma água para se concentrar para a

próxima aula. O ideal seria ter mais aulas de educação física. Aulas de música também são importantes para relaxar e conseguir se concentrar em sala de aula.

Os alunos da escola pública ressaltam que gostariam de ter um espaço maior para as aulas de educação física, um ginásio, uma biblioteca maior para que pudessem ficar na escola o tempo que quisessem para fazer pesquisas, ler e lanchar. Gostariam de ter uma merenda mais saborosa e poder se alimentar no tempo em que estivessem na escola, tendo em vista que em casa, muitas vezes, não têm o que comer. Os alunos da escola particular reclamam dos preços dos alimentos na cantina. Também gostariam de ter merenda/almoço de graça, assim como transporte escolar.

As duas redes de ensino também consideram o dever de casa desnecessário. Alegam que passam muito tempo dentro da escola, quando retornam para casa gostariam de fazer outras atividades. Quando tem prova, os alunos precisam estudar em casa e isso é o bastante para eles.

Os alunos da rede particular de ensino acreditam ser desnecessário nota ou reprovação. Caso o aluno não tenha um bom desempenho na avaliação, deve ter o direito de ter mais aulas extra-classe sobre o conteúdo, com o objetivo de aprender e não repetir de ano. Citaram o exemplo de uma escola de inglês na cartolina, que utiliza essa metodologia e no final do curso os alunos saem falando fluente a língua, não existe reprovação. O aluno segue no curso. Caso tenha tirado nota baixa em algum teste, faz aulas de reforço para garantir o aprendizado e ficar no mesmo nível da turma.

Haydt (1997) destaca que a avaliação somativa, com função classificatória, consiste em classificar os alunos de acordo com níveis de aproveitamento estabelecidos e a avaliação formativa, com função de controle, está relacionada ao mecanismo de *feedback*, com o intuito de averiguar se os alunos estão atingindo os objetivos previstos. Portanto, segundo os depoimentos dos alunos e a exposição na cartolina, a avaliação não deve ter apenas a função de classificar, de ser encarada como um instrumento de aprovação e/ou reprovação, mas deve servir para informar os alunos acerca do que ainda não sabem e necessitam de aprender para ter sucesso. Logo, à medida que a ênfase é colocada na aprendizagem, conforme Werner; Boer (1984, p. 8), “o papel predominante do professor deixa de ser o de ensinar e passa a ser o de ajudar o aluno a aprender”.

Cabe ressaltar que a discussão, a reflexão e a integração proporcionadas pela atividade em grupo foram apontadas pelos alunos como aspectos positivos conforme se pode observar nos depoimentos:

Eu gostaria que, a partir da próxima semana, a minha Escola se transformasse em tudo que discutimos hoje, como se fosse uma mágica, eu nunca irei esquecer do debate, da oportunidade que tivemos de pensar em conjunto. Eu sentirei saudades do café, do lanche, da discussão e dos colegas que conheci (A5²).

Que aula boa! Pensar como seria a Escola dos nossos sonhos foi maravilhoso! Contar com a ajuda dos colegas e conhecer alunos, de uma escola pública, que também pensam como nós, passam

² Os respondentes foram designados por A1, A2, etc. para preservar o anonimato. A5 = rede pública; A19 = rede privada de ensino.

pelos mesmos problemas, outros mais graves, mas acreditam que a Escola precisa mudar para que seus alunos sejam mais felizes, tenham prazer em estudar e ir para o colégio foi confortante, pois não nos sentimos sós (A19).

O aluno A5 relata o quanto foi importante pensarem, discutirem em conjunto sobre o tema, não somente com os colegas de classe, mas também da oportunidade de refletir com alunos da rede privada de ensino. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2015, p. 223), é essencial ao aluno:

[...] interagir com seus pares de forma cooperativa, trabalhando coletivamente no planejamento e desenvolvimento de pesquisas para responder a questionamentos e na busca de soluções para problemas, de modo a identificar aspectos consensuais ou não na discussão de uma determinada questão, respeitando o modo de pensar dos colegas e aprendendo com ele.

A cooperação e a interação que os estudos em pequenos grupos proporcionam são fundamentais para os alunos adquirirem confiança, saberem enfrentar as suas dificuldades, discutir o problema com os colegas e aprender com eles.

O aluno A19 destaca a relevância do trabalho em grupo e o quanto foi confortante ter conhecimento do que pensam os alunos da rede pública de ensino. Relata que os problemas são semelhantes e a Escola precisa mudar para que seus alunos sejam mais felizes e tenham prazer em estudar e estar na Escola. Portanto, faz-se necessário reforçar a ideia de que, segundo Anastasiou e Alves (2005, p. 75-76) “trabalhar em um grupo é diferente de fazer parte de um conjunto de pessoas, sendo fundamentais a interação, o compartilhamento, o respeito à singularidade, a habilidade de lidar com o outro em sua totalidade, incluindo suas emoções”.

5 CONCLUSÃO

Com base na análise dos resultados, foi possível atingir o objetivo proposto de investigar as percepções que os alunos do 9º ano do ensino fundamental têm sobre a Escola ideal, a partir da estratégia de ensino *World Café* que se mostrou com potencial, por favorecer a discussão do tema mediado por ela. Além disso, observou-se que o aluno assumiu um papel mais ativo, expondo suas próprias ideias e concepções sobre o tema, interagindo com os colegas, analisando, refletindo, questionando e levantando hipóteses.

A análise dos dados obtidos por meio de cartolinas e depoimentos dos alunos no final da aula permite inferir que o desenvolvimento da atividade foi exitosa visto que possibilitou maior compreensão do tema, propiciando interação das turmas, tornando a aula mais atrativa e envolvente. Na Escola ideal, de acordo com as principais reflexões dos alunos, é necessário: relacionar o conteúdo desenvolvido em sala de aula com o cotidiano; utilizar mais os laboratórios de ciências e informática para fazer pesquisas e

experiências, ligando a teoria com a prática; proporcionar aulas em espaços não formais e com mais momentos de diversão e relaxamento; priorizar a avaliação formativa e o *feedback* para informar os alunos acerca do que ainda não sabem e necessitam aprender para ter sucesso e receber uma formação ética que faça todos terem respeito e consideração com os seus semelhantes.

Destaca-se também que os alunos mostraram-se estimulados e motivados, ouvindo outras opiniões, valorizando o trabalho em grupo, respeitando os colegas, compartilhando seus pensamentos e sentindo-se importantes no decorrer do processo. Enfatiza-se, dessa forma, a necessidade de possibilitar espaços de escuta aos alunos, apostando no seu potencial criativo, argumentativo e questionador.

Ademais, ressalta-se a relevância do uso de uma multiplicidade de métodos de ensino, instrumentos de avaliação e mudanças na prática pedagógica dos professores, que proporcionem momentos de reflexão, discussão e interação dos alunos, garantindo espaços de escuta em que os jovens possam expor suas ideias e sintam prazer em aprender e estar na Escola.

REFERÊNCIAS

ANASTASÍOU, L. das G. C. e ALVES, L. P. **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 5 ed. Joenville: Univille, 2005.

ARAÚJO, C. H.; LUZIO, N. **Avaliação da educação básica: em busca da qualidade e equidade no Brasil**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2005.

BECKER, F. **Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos**. Porto Alegre: Paixão de Aprender, n.5, p. 18-23, 1993.

BRASIL. **BNCC: Base Nacional Comum Curricular**. 2015. Ministério da Educação. Brasília. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>. Acesso em 16 de julho de 2018.

BROWN, J.; ISAACS, D. The World Café: Awakening Collective Intelligence and Committed Action. In: TORVEY, M. **Collective Intelligence: Creating a Prosperous World at Peace**. Virginia: Earth Intelligence Network, 2008, p. 47-54.

DUBET, F. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5, p. 222-31, 1997.

CHASSOT, A. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. Ijuí: Editora Unijuí, 2000.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Revista Teoria e Educação**, n. 2, p. 177-229, 1990.

FREIBERGER, R. M.; BERBEL, N. A. N. A importância da pesquisa como princípio educativo na atuação pedagógica de professores de educação infantil e ensino fundamental. **Cadernos de Educação**, v. 37, p. 207-245, 2010.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

GIL, A. C. **O que é didática no ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2012.

HAYDT, R. C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

MACHADO, M. P. M.; PASSOS, M. F. D. O uso do *world café* como método de pesquisa junto às equipes de saúde. **Atas 6 Congresso Ibero-Americano de Investigação Qualitativa**. Salamanca, Espanha, v. 2, p. 835-840, 2017. Disponível em: <http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/viewFile/1280/1240>. Acesso em: 07/08/2018.

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MASSCHLEIN, J.; SIMONS, M. **Em defesa da escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

NÓVOA, A. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. In: **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

PEREIRA, B. P.; LOPES, R. E. Por que ir à escola? Os sentidos atribuídos pelos jovens do ensino médio. **Revista Educação & Realidade**, v. 41, n.1, p.193-216, 2016.

SANTOS, W. L. P. dos. Educação científica na perspectiva de letramento como prática social: funções, princípios e desafios. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 36, 2007.

SCHWERTNER, S. F. e CONRAD, J. M. Um click na escola: olhares e discursos de jovens estudantes sobre a instituição escolar contemporânea. **Revista Caderno Pedagógico**, Lajeado, v. 13, n. 2, p. 28-46, 2016.

TADÊUS, P. A. e CUNHA, N. A. F. Ética na educação. **Revista Triângulo: Ensino, Pesquisa e Extensão**, Minas Gerais, v. 2, n. 2, p. 139-152, 2009.

ULHÔA, E.; ARAÚJO, M. M.; ARAÚJO, V. N.; MOURA, D. G. A formação do aluno pesquisador. In: **I Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica**, Minas Gerais. Anais... Minas Gerais, CEFET, 2008.

WERNER, D.; BOWER, B. **Aprendendo e ensinando a cuidar da saúde**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1984.